Publicações dos Anais das Bibliotecas, Museus
e Arquivo Histórico Municipais

XI

Alfama de ôntem & Alfama de hoje

Aspectos históricos e etnográficos

Conferência ao ar livre realizada no Largo de S. Miguel, em Alfama,
no dia 25 de Outubro de 1935,
pelo Ex.mo Sr. Luiz Chaves, Conservador do Museu Etnológico

Lisboa

1936

Alfama de ôntem & Alfama de hoje

Publicações dos Anais das Bibliotecas, Museus
e Arquivo Histórico Municipais

XI

Alfama de ôntem & Alfama de hoje

Aspectos históricos e etnográficos

Conferência ao ar livre realizada no Largo de S. Miguel, em Alfama,
no dia 25 de Outubro de 1935,
pelo Ex.mo Sr. Luiz Chaves, Conservador do Museu Etnológico

Lisboa

1936

Alfama de ôntem & Alfama de hoje

Aspectos históricos e etnográficos

Conferência ao ar livre realizada no Largo de S. Miguel, em Alfama, no dia 25 de Outubro de 1935.

I

Ao estudar etnogràficamente um agregado humano, devemos de comêço determinar-lhe o território de fixação.

Ocupa-nos *Alfama*. Estamos dentro-de Alfama. Antes-do panorama humano, observemos o panorama topográfico, dependentes um do outro, é certo, mas condicionante o segundo sôbre o primeiro.

Bairro de Lisboa, bem caracterizado, Alfama provém de passado remoto com história própria, e apresenta hoje aspectos etnográficos de feição definida.

Se reparamos na carta topográfica de Lisboa, logo verificaremos que Alfama representa desde o princípio a descida do «Castelo» para o Tejo, pela vertente virada ao Sul, ou seja no caminho natural do primitivo ópido para o rio. Esta observação indica-nos a primeira lei etnográfica, para se formar populacionalmente o que chamaram *Alfama*.

Lisboa sai das muralhas de defesa do cabeço castrejo. Sobranceiro ao rio, por cuja proximidade a póvoa se fixou ali e ali se defendeu, ia por necessidade vital imperiosa estabelecer-se a ligação entre a póvoa e o rio. A atracção do rio produziu Alfama, que assim é o resultado de duas fôrças: a expansão da cidade, apertada entre as muralhas primitivas, à-medida-que a população cresce, e a atracção do rio, provocada pela actividade mercantil e marinheira.

Não nos interessa agora penetrar nas trevas da fundação. Quem deu origem ao povoado, alcandorando-o no morro defensável, tão perto-das águas sossegadas do Tejo, fôsse quem fôsse, obedeceu a leis humanas de sempre. O melhor, onde melhor e consoante ao melhor.

Que exemplos de comparação podíamos evocar neste momento, sem saír de Portugal, para justificarmos a escolha do lugar de tal povoado!

O mais são lendas, nomes que passam na atenção sequiosa dos perscrutadores do passado, espécie de adivinhos das águas ocultas.

Um dia, a povoação alcandorada começou a saír. Veio descendo por aqui, para o rio. Conhecemos que assim era para os Romanos. Grande parte, pode supôr-se que a maior parte das inscrições latinas, os maiores edifícios públicos de Olisipo pertencem a esta zona compreendida hoje na designação de Alfama, e dela depois saíram para o Poente, através-das linhas de defesa. Daqui eram garantidas a segurança dos colonos e a colonização dos arrabaldes.

Os Visigodos ocuparam o que os Romanos fizeram. Êste bairro virado ao rio, fora-das muralhas principais e com os requintes de civilização que os Romanos lhe imprimiram, constituíu o centro de fixação demográfica, e os conquistadores tiveram de reforçar as defesas militares, estendendo-as até ao rio, de-forma-que o aglomerado ficasse protegido. Assim, a cidade militar com o seu arrabalde, militarmente anexado, formou um todo em duas partes distintas: a cidadela, no alto, que era a velha povoação castreja; e o que chamamos ainda hoje Alfama, na vertente meridional do morro em que se ergue a cidadela.

A cêrca de muralhas deu a volta desde a ponta de Sudeste da cidadela, a-caminho-da praia, até ligar de-novo ao muro da cidadela, não muito longe e a Poente do ponto de partida.

Vêm os Mouros desalojar os Godos. E que é Alfama, a *Alfama* a que deixaram o nome?

«A Alfama fôra no tempo do dominio sarraceno o arrabalde da Lisboa gothica, — escreveu Herculano em *O Monge de Cister* — fôra o bairro casquilho, aristocratico, alindado, culto, quando a Medina-Aschbouna poisava, enroscada tristemente no seu ninho de pedra, no que depois se chamou «a Alcáçova», e hoje o «Castello».»

Completaram, restauraram e reforçaram os Mouros a cêrca da cidade. E as obras militares de defesa formaram quatro grupos, no entender do Sr. Coronel Vieira da Silva, e conforme se verifica nos restos existentes, bem como nas notícias transmitidas; a saber: o «Castelejo», pròpriamente o «Castelo de Lisboa», no canto de NO. das fortificações do cabeço; a *Alcáçova* ou cidadela, dentro das muralhas do alto, e entre elas e o «Castelejo»; a *cêrca exterior*, ora tomada por cêrca dos Godos, ora por cêrca de Mouros; e *obras destacadas*.

Interessa-nos o aspecto histórico do assunto, para disciplinar a atenção sôbre Alfama.

Das interpretações da palavra «alfama», derivada da língua ará-

bica, viria qualquer delas com significado de caracter etnográfico: «asilo» ou «refúgio», segundo uma versão, correspondia o bairro à defesa de quem se acolhesse a êle; generalização de *aljama*, que ficava próximo-da mesquita maior da povoação e era «o paço do Conselho do sistêma político-religioso dos Sarracenos», na opinião de Mendes Leal; «no centro da cidade há nascentes de água quente», descreveu Edrisi, que o Sr. Dr. David Lopes citou, a fazer derivar »Alfama» de «Alhama», que significa «fonte termal», e donde, segundo a regra, passou o h para f no português.

Em qualquer das interpretações, àparte o valor delas, encontraremos um aspecto folclórico: reflexo militar na primeira *(asilo)*, político e religioso na segunda *(paço do Conselho)*, económico e singular na última *(nascente de água quente)*; esta, porém, é a verdadeira lição.

No interior das fortificações estavam as duas mesquitas; uma onde é Santa-Cruz do Castelo, na alcáçova; outra onde é a Sé, a mesquita-maior, na cêrca exterior, em Alfama.

Temos delimitada Alfama. Os Mouros perderam Lisboa. Alfama ficou; chegou até nós no seu nome e no seu campo, dentro-do que depois os nossos chamaram a «cêrca velha». A «cêrca velha — explica Fernão Lopes — é desde a porta do Ferro até à porta d'Alfama, e desde o chafariz d'El-Rei até à porta de Martim Moniz».

Da *epistola crucesignati anglici* dos «*Portugaliæ Monumenta Historica*», no século XII, e desde aí até aos cronistas de Lisboa, como Fr. Nicolau de Oliveira, ao século XVI, e com D. Nicolau de Santa Maria, Luiz Marinho de Azevedo, Carvalho da Costa, aos séculos XVII e XVIII, a cidade antiga compreendia o Castelo e o que dêle descia pelas *Portas-do-Sol* até ao *Chafariz de El-Rei*, corria pela praia, e, ao chegar às tôrres e postigo defronte-da igreja da Misericórdia, dobrava para Nordeste às *Portas-do-Ferro* e ia de-regresso ao Castelo.

Queremos ouvir um historiógrafo de Lisboa, mais perto-de nós? Têmo-lo em Freire de Oliveira. Descreve a «cêrca moura». Ouçâmo-lo.

«Nascia de junto da porta da Alcaçova, que ficava nos muros desta, e para a parte interna do recinto defendido pela referida cêrca; descia por S. Chrispim à Pedreira da Sé, e d'ahi em linha quebrada à rua das Canastras, até aos terrenos marginaes do Tejo, aproximadamente defronte do sitio em que hoje está a porta trazeira da egreja da Conceição Velha, na rua dos Bacalhoeiros, perto d'onde foi o edifício da Misericordia; corria em dois lanços ao longo dos ditos terrenos, a procurar o ponto onde, pouco mais ou menos, se encontra o chafariz d'el-Rei; e, prolongando-se para o norte, chegava em frente do local em que se erigiu a fachada

da já demolida egreja parochial de S. Pedro d'Alfama, ao começo da rua da Adiça; subia pela encosta em que hoje assenta essa rua, ao logar onde se edificou a egreja de S. Braz da Ordem Militar de Malta, egreja vulgarmente chamada de Santa Luzia e, estendendo-se até ao actual pateo de D. Fradique, ia nessa altura fechar com os muros da Alcaçova, e com elles se encorporava pela parte de fora de outra porta que nelles houve, e que deitava para o chão da Feira».

Todos êstes nomes próprios, locais, de Alfama os vamos encontrar em serventias de hoje.

«Lisboa é grande cidade, de muitas e desvairadas gentes», sôa-nos quási como exclamação triunfal o elogio de Fernão Lopes, no «Prólogo» da *Crónica de D. Fernando.*

Ao transpor as portas da «cêrca velha», caminhou Lisboa para Ocidente, desceu aos aterros da Baixa, subiu aos montes da Pedreira do Almirante ou do Carmo e de S. Francisco; depois tornou-se necessário que D. Fernando rodeasse de muralhas tôda essa área de Lisboa, fugida à «cêrca velha»; e de 1373 a 1375, que o tempo urgia, ficou erguida a «cêrca nova» ou «cêrca fernandina».

Chafariz de El-Rei

A população subira de dôze ou quinze mil habitantes, do tempo da conquista cristã, a-caminho-dos cinqüenta mil do fim do século XV. Era a «grande cidade de muitas e desvairadas gentes».

Na cidade acrescida, *Alfama* continuava a ser, com o Castelo no alto do seu terreno, o bairro histórico. As suas muralhas lá quedavam a separá-la. As portas da «cêrca velha» mantinham a serventia militar, especialmente as sôbre a Ribeira, e a comodidade pacífica da população.

Continua Herculano a referência de há pouco a Alfama — a Alfama mourisca. «Quando, porém, no seculo XIII a população christan, alargando-se para o Occidente, veiu expulsar os Judeus do seu bairro primitivo, situado na actual Cidade baixa, e os encantoou para a parte Sul da Cathedral, a Alfama foi perdendo gradualmente a sua importancia, e convertendo-se afinal num bairro de gente miuda, e sobretudo de pescadores».

Na zona entre as muralhas, cujas saídas mais importantes eram as *Portas-de-D. Fradique* para o Norte, *Portas-do-Sol* para Nordeste, *Portas-de-Alfama* para Sudeste, *Portas--do-Mar* para o Sul, sôbre o rio, *Portas-do-Ferro* ou «Arco da Consolação» após a reconstrução ou ampliação de D. Manuel, para Oeste, a ligar a «cidade velha» com as ruas novas e movediças da Baixa, e as Portas de Alfofa para Noroeste, que levavam para a circunvalação do castelo — nessa zona estirava-se Alfama.

— Quem viu nunca tôda Alfama! — exclamaria Maria Parda, quando Alfama se transformou em bairro de pescadores, o bairro dos «maneis do mar», alcunha dos trabalhadores do mar, registada por Bluteau, os «maneis de Alfama» de Fr. Nicolau de Oliveira.

E porque foi assim? A Alfama piscatória era bem etnogràficamente a sucessora da Alfama casquilha. Alfama nasceu, quando Lisboa se aproximou do rio, descendo da cidadela à margem do Tejo. Alfama transformou-se, quando a população antiga foi atraída para a cidade nova; os descendentes dos habitantes do «bairro casquilho, aristocrático, alindado», como se exprimiu Herculano, sairam da «cêrca velha»; o que fez a população abandonar a Alcáçova, para campear orgulhos e comodidades no que foi Alfama, levou a mesma categoria social da população da Alfama velha ao abandôno desta pelos bairros novos da cidade.

Quem se aproximou da Ribeira, a Ribeira Velha, do tráfego fluvial, que fornecia as bôcas da cidade, do varadouro das barcas de pesca, da construção de barcos de tôda ordem, quando a Ribeira das Naos ainda não dominava? Lògicamente, a gente que vivesse dêsses misteres ribeirinhos de à-borda-do rio. Não só pescadores, mas tôda a «gente de ganhar», cuja actividade a ligasse ao rio.

Arrais, galeotes, marinheiros, comitres, petintais, barqueiros «de ganhar com barcos no rio», espadeleiros, calafates, proeiros e quan-

tos mesteirais de privança, enquanto o interêsse da organização os não arruou, procuravam vizinhanças do rio para arrumo e cómodos da vida.

Alfama então compunha-se de duas partes essenciais à vida jornaleira da sua população: uma, fora-das muralhas da Ribeira, a marinha, onde a população trabalhava nas dependências da economia marítima e fluvial; outra, dentro das muralhas, onde resguardava o lar familiar.

As portas e postigos da muralha da Ribeira, paralela à margem, favoreciam a população no seu vai-vem da labuta diária. Nem por isso menos serviam a defesa da cidade. No cêrco de Lisboa, pelos Castelhanos de D. João I, diz Fernão Lopes que «os muros todos da cidade nom haviam mingua de bom repairamento».

Por aqui andou certamente o Arcebispo de Braga, D. Lourenço, a cavalo, com duas cotas enfiadas, de lança em punho, a estimular com a palavra e o exemplo os trabalhos de armar galés para defender a cidade.

Quando no reinado de D. Fernando vieram a Lisboa os Ingleses do Conde de Cambridge, o monarca mandou alojar na cidade nova os senhores e fidalgos recém-chegados, a cada um consoante cumpria; estabeleceu excepção nos alojamentos, ao recomendar que tal se fizesse, «salvo na cêrca velha», isto é, em Alfama. A Alfama da gente humilde do mar já não cumpria à nobr de fora, quando a nobreza de dentro a tinha abandonado.

Pelas *Portas-da-Cruz*, abertas ao Nascente, na cêrca fernandina, que envolveu e ampliou Alfama por êsse lado para lá do Chafariz de El-Rei, entravam em Lisboa os produtos das verdejantes almoinhas de Santa Apolónia e de Xabregas. Pelas *Portas-da-Ribeira*, na cidade nova, as mais importantes para o Sul nas muralhas fernandinas, entravam os recheios hortícolas da Outrabanda ou Bandadalém e do Ribatejo, e as cargas do pescado, recolhidas na Ribeira Velha.

E não podemos imaginar o escarcéu dêsse pessoal, a vozearia descomposta das peixeiras e rascôas, que no século XVI havia de fazer côro ao poeta Chiado, a ponto de lhe inspirar o chocarreiro *«Auto das Regateiras»?*

O rio atraíu Lisboa à-beira-dêle. Alfama surgiu. A população que nela se fixou, assim, junto-do rio, foi atraída para a margem, viveu do mar e para o mar. O século dos Descobrimentos teve o condão de atrair à Ribeira os navegadores e mais gente do mar; os colaboradores da grande obra comum aproximavam-se; sôbre os adarves da cêrca, e galgando os muros, encostando-se a êles, escondendo-os nas suas construções, ou alcandorando-se nos cómoros donde se visse o mar, edificaram-se casas nos séculos XVI e seguintes. A mais notável de tôdas, porque é monumento

civil, monumento artístico, tão mal cuidado e tão mal empregado, e monumento folclórico pelas lendas que tem provocado, sobrevive hoje na chamada «Casa dos Bicos», que o filho de Afonso de Albuquerque mandou erigir ali onde a conhecemos no seu abandôno e na vergonha da sua ruína, diante-da *Ribeira Velha*, em-frente-do rio, entre uma Idade, a de Alfama medieval, e outra Idade, a da expansão além mar.

Eis o lugar de Alfama, criado pelo homem para o homem, e o que foi na sua crónica histórica — através-dos séculos, como o que é na sua limitação topográfica.

Hoje ainda, *Alfama*, bairro de gente de trabalho, conserva aspecto secular e revela feição própria. Da Padaria aos Remédios, da Marinha ao Castelo, para empregar a forma expressiva e larga de antano, sobe e alarga-se o que é, foi e para bom nome da cultura portuguesa será sempre Alfama.

II

Entremos agora em Alfama, esta Alfama viva, que vemos palpitar. Esta que nos rodeia com suas casas típicas, e em cujas ruas, bêcos, escadinhas e calçadas nos embrenhamos, perdendo-nos no tempo como nos perdemos no espaço.

Um dos elementos mais curiosos e de maior interêsse científico, por fonte etnográfica, é a toponímia. O nome dêstes arruamentos e pátios, a designação das serventias do bairro, são reveladores.

Muitos dos nomes antigos não têm correspondência actual, ou porque mudaram de nome as serventias, ou porque variou a topografia do bairro depois-do terremoto de 1755. Há todavia nomes que perduram do antigo e nomes que, embora modernos talvez, revelam como os outros a psicologia popular na aplicação de nomeadas.

Por Carvalho da Costa podemos ver como certos lugares andavam designados com nomes vagos quanto à particularização, por haver neles referência comum e lata a determinado ponto de referência. Ao anunciar as serventias da frèguesia de S. Miguel, menciona a «banda da praia» e o «chafariz de dentro», querendo significar o lugar ou faixa ribeirinha e o lugar ou área do Chafariz de Dentro com as ruas e outras serventias confinantes, dentro-da frèguesia. Na conta da frèguesia de Santo Estêvão procede da mesma forma, levado decerto pelo uso: a «Praia», o «Outeiro», as «Varandas», a «Lapa», a «Alfungera», a «Rigueira», os «Remédios», os «alpendres do chafariz». Reconhece-se na imprecisão tópica o hábito popular, ainda hoje verificado em circunstâncias idênticas.

Alguns dos nomes identificam total ou parcialmente os actuais, outros requereriam esclarecimentos. Uns aplicam-se a serventias

inteiras de agora, outros dividem-se com o nome comum antigo, por diversas serventias distribuídas ou abertas na área correspondente ao nome antigo. O «Castelo Picão», rua já do meado do século XVI, é assim designado por Carvalho da Costa: «Castelo Picão», e «Castelo Picão depois do Bêco»; êste bêco divisório ou balizador da Rua do Castelo Picão chamava-se de «Santa Helena», como actualmente.

ALFAMA — CALÇADINHA DO TIJOLO
Uma casa

As frèguesias de Alfama antes do terremoto, desde a Ribeira ao Castelo, não incluindo êste, contavam número maior do que hoje. *Santo Estêvão*, de 1.040 fogos e 4.510 habitantes; *S. Miguel* com 870 fogos e 3.700 habitantes; *S. Martinho*, ao Limoeiro, com 136 fogos e 1.400 habitantes; *Sant'Iago* com 120 fogos; *S. João da Praça* tinha já 525 fogos e 2.360 habitantes no primeiro quartel do século XIV. O terremoto fez grandes estragos no casario. A frèguesia de S. Miguel ficou reduzida a cêrca de metade dos habitantes; a de Santo Estêvão reduzida a 878 fogos e 3.400 habitantes; a de S. Martinho, já de si pequena, tamanhos danos sofreu que desde então foi anexada à de S. Martinho, intitulada por isso de S. Martinho e Sant'Iago; a frèguesia de S. João da Praça está desde a segunda metade do século XIX anexada à Sé patriarcal. De outra fala a história e a toponímia de Alfama: a frèguesia de *S. Pedro de Alfama*. A igreja pa-

roquial de S. Pedro foi a terra; ficou apenas o pórtico manuelino, embebido num prédio da antiga Rua da Adiça, hoje Calçada de S. João da Praça; nem a frèguesia, anexada ou livre mas deminuída, manteve existência em Alfama; deixou o nome ao local, como o dera à porta junto da qual estava e por tal se chamava Porta ou Arco de S. Pedro de Alfama; afirma a tradição, não confirmada, que por esta porta entraram os Cristãos em 1147. E por fim, depois de recolhida a frèguesia na igreja de S. Rafael, passou em 1780 para Alcântara, com a invocação de *S. Pedro de Alcântara*.

S. Salvador, a que se liga a tradição do aparecimento de um crucifixo num pôço, por ocasião da conquista da cidade, no lugar onde foi edificada a ermida do Santo Rei Salvador, teve também sede de paróquia com 266 fogos. Do século XIV vem o mosteiro dominicano da mesma invocação do Salvador.

Tôdas estas igrejas com as invocações particulares perduram na nomenclatura das serventias. O «adro da igreja» de S. Miguel deu o actual Largo de S. Miguel; o «adro da igreja» de Santo Estêvão chama-se hoje Largo; há a Rua, a Travessa, as Escadas de S. Miguel e de Santo Estêvão, a Rua de S. João da Praça, a Travessa de S. João da Praça, que é o antigo Bêco da Môsca, a Calçada de S. João da Praça já mencionada, o Largo de S. Rafael, o Bêco, o Largo, a Rua e o Arco do Salvador.

Na Rua dos Remédios sobressai o pórtico manuelino da ermida do Santo Espírito ou «Santo Esprito»; lá está esvoaçante a pomba simbólica de-frente, metida em escudete no espaço de duas vêrgas entrelaçadas na moldura do portal. Existia no ano de 1552 a ermida com seu hospício. Carvalho da Costa, na menção vaga dos lugares de Alfama, nomeia «os Remédios», a Rua Direita dos Remédios e «o Hospital»; estamos a ver essa faixa da frèguesia de Santo Estêvão, nos fins do século XVII e comêços do seguinte. A invocação de Nossa Senhora dos Remédios deu origem à generalização do nome de Rua dos Remédios à parte que Carvalho da Costa chama Rua Direita dos Remédios, e à que se lhe segue para cima e tinha no bairro chamadouro de Rua das Portas da Cruz, pois que a tais portas dava serventia.

Fervilhava nos cais da Ribeira o pessoal das faluas cacilheiras, das muletas da sardinha, dos sàveiros de água arriba, e dos navios de alto-mar das carreiras da Índia e do Brasil; Frei Nicolau de Oliveira diz serem muitas estas embarcações.

A ermida do «Santo Esprito» tinha administração dos navegantes e pescadores de Alfama, irmanados sob o seu juiz, que era o Corregedor do Crime da Côrte. O hospício destinava se a curar dos irmãos pobres

enfermos. Sofreu ruína grave com o terremoto, de que escapou o portal elegante da ermida.

Se a instituïção prova a categoria social dos habitantes e dos freqùentadores de Alfama, prova também o espírito de auxílio mútuo, sob os dictames superiores da espiritualização dos socorros do corpo e da alma no ambiente da Fé.

Não só êste elemento de psicologia popular do tempo nos dá a invocação da ermida. A ermida, como outros edifícios religiosos, militares ou civis, baliza lugares. «*Ao Santo Esprito*» significava a vizinhança da ermida; «ao Rossio» significa proximidades e redondezas do Rossio. Do lugar dos Remédios deixou-nos Gil Vicente a nota etnográfica da Maria Parda no «Pranto»; ela, amadora de bom vinho, investigante de onde o houvesse, canta lôa a vinho rosete do «Santo Esprito»;

> Bem alli ó Sancto Esprito
> Ia eu sempre dar no fito
> N'hum vinho claro rosete.
> Oh! meu bem doce palhete,
> Quem pudera dar hum grito!

Corramos êstes «semideiros escuros» de Alfama. Encontramos nomes admiráveis. Qualquer dêles evoca séculos passados, personalidades que por essas serventias moraram, nomes de brasão, nomes comuns, outras referências, que não vemos justificadas, mas compreendemos. *Ruas Direitas*, direitas porque não são bêcos, *Bêcos*, mais ou menos tortuosos e estreitos, ora com saída a outras serventias, ora sem ela, *Pátios*, *Terreiros*, *Terreirinhos*, *Escadas*, *Escadinhas*, *Calçadas*, *Calçadinhas*, que curiosidade de categorização de serventias o espírito popular conseguiu arquitectar, fixando-a no expressivo folclore! Só esta visita de observação formaria um canto do poema folclórico de Alfama.

Zona de população crescente, refluida entre muralhas da defesa, Alfama teve de dar espaço a todos que o exigiam para construção de casas. A urbe crescia à-custa-de si mesma. O número das frèguesias apontadas indica a densidade populacional; os números de habitantes contidos nos cômputos procedem não de censo oficial mas dos registos paroquiais dos comungantes, os «fregueses de comunhão»; referem apenas por isso os praticantes declarados da religião, se bem que fôssem a quási totalidade dos habitantes.

Aconteceu o que se dá em tôdas as povoações amuralhadas; a população acantonou-se como pôde, aproveitando intervalos e recantos, adaptando-se ao chão que foi encontrando livre. Traçadas as primeiras serventias, essas ruas direitas, ou «abertas» em contraste com as transversas e as encotoveladas ou sem saída, as outras cruzaram-se com elas. A *Rua da Regueira* ou só «a Rigueira», já existia em 1313. A do *Castelo Picão* é mencionada no

meado do século xvi. A *Rua dos Remédios*, ou Rua Direita dos Remédios, prolonga para SO a *Rua Direita das Portas da Cruz*. A *Rua da Adiça*, hoje Calçada de S. João da Praça, a da *Regueira*, a do *Castelo Picão*, a do *Salvador*, são ruas que levam do fundo ao alto, de penetração em altura; não sei quais terão sido as Ruas Direita de Cima e Direita de Baixo, mencionadas por Carvalho da Costa, nem se há correspondência com serventias de hoje; prolongava a penetração a *Rua Direita de S. Tomé*, hoje parcialmente do Infante D. Henrique.

A Rua dos Remédios com a das Porta da Cruz ligava oblìquamente o *Chafariz de Dentro* com o arrabalde ao Nascente. A *Rua de Santo Estêvão*, a desaparecida *Rua Direita do Espírito de Alfama*, a *Rua do Vigário*, a *Rua de S. Miguel*, a *Rua das Cruzes da Sé*, o *Bêco de Santa Helena*, eram serventias transversais, de ligação e de penetração em largura. Continuavam-se por outras menores, como talvez a *Rua Pequena*, a *Rua do Tem-te-lá*, a de *S. João da Praça*, a *Rua dos Paços do Mestre*, e pelas travessas e bêcos abertos.

Outras alongavam as muralhas, como a Rua do *Almargem* ou do Almarge, as «*Alcaçarias* ao longo do Muro», ou davam serventia para a Ribeira, entre estas a de S. Pedro, a «Rua para a porta da Ribeira», a «Rua para a Goleta», a da Galé, e ainda outras que passavam portas e postigos para a banda do mar, como o actual «Boqueirão para a Praia da Galé».

Nas travessas topa-se com nomes iguais ou do mesmo tipo. A riqueza, porém, abunda vibrante de informação psicológica, na toponímia de bêcos e pátios; aí desborda a fantasia; o fio condutor, que nos guie no labirinto de nomes, correspondente ao labirinto das serventias, está na observação etnográfica dêsses mesmos nomes.

Referências locais do bairro, já conhecidas: *Bêcos* das Alcaçarias, de Alfama, do Espírito Santo; alusões a moradores, nos do Silva ou da Silva (Diogo da Silva?), do Ramos, (aquêle é hoje a Travessa do Chafariz de El-Rei, êste ou deixou de existir ou mudou de nome) o do Abreu (à Sé, desaparecido), o do Loureiro, talvez (nome que vem da Rua do Loureiro e pertence também a um largo, adjacentes), o do Belo, o do Carneiro possìvelmente, o do Fróis, o do Furtado, o do Abreu, o de Eva Fernandes, etc.; certos e prováveis vestígios de alcunhas, no Bêco do Mil Patacas, no da Môsca, já mencionado em meados do século xvi, no do Surra, da Corvina; de topografia dos recantos, como no Bêco do Muro, no do Pocinho, e do Penabuquel, junto-do arco do mesmo nome, no da Lapa, no das Canas; influência de comércio, indústrias e artes, no Bêco dos Cortumes, no Bêco e Be-

quinho do Estanco do Tabaco, no das Atafonas (hoje há no lugar a Rua das Atafonas), no do Forno da Galé, no da Mó, no das Barrelas. Característico e elucidativo é o nome do Bêco do Funil.

Os pátios não desdizem: o do Almotacel, o do Prior, o do Carrasco, o do Marechal, o da Castelhana, o do Aljube, o das Flôres, o das Canas, o das Parreiras, o do Mel...

Nuns e noutros andam presos às esquinas nomes conhecidos: o do Marquês de Angeja (parte da antiga Rua das Atafonas), o Pátio de Afonso de Albuquerque, o do Infante D. Henrique.

Nomes poéticos não escapavam ao baptismo popular das serventias: o Bêco das Grinaldas, o da Pérola, ali à Sé, ambos desaparecidos talvez com o terremoto, o das Flôres, o Pátio das Parreiras, a Rua da Saüdade. E no sentido oposto: o Bêco do Quebra-Costas, o da Maria da Guerra, o do Leão, o da Bicha, a Travessa do Raivoso.

Quem seria esta Cardosa, já conhecido no século XVI o nome dela aplicado ao bêco? O Bêco da Cardosa. E o protogonista do Bêco do Cativo, estrofe de dor e de compaixão nêste poema aberto? Hoje será o Bêco dos Cativos.

Da Rua dos Fornos fala-nos a Maria Parda: que transformação teria passado a serventia, para que a visitadora das tabernas de Alfama dissesse o que Gil Vicente lhe pôs nos lábios?

> Ó triste Rua dos Fornos,
> Que foi da vossa verdura!

Os aguadeiros de Alfama ainda hoje cantam por estas ruas esguias o pregão de água. A voz dos prestimosos açacais tem, nestas paredes e nêstes túneis do casario, sonoridades singulares de outros tempos.

Houve o *Bêco dos Aguadeiros*, onde talvez se reünissem ou acantonassem; é hoje o Bêco do Mexias. O serviço público de abastecimento de água era causa de desordens constantes; do *Chafariz de El-Rei* se abastecia Lisboa inteira no meio do século XV, «não havendo, por assim dizer, outra água», conforme argumenta uma réplica a embargos dêsse tempo. E tanto que a postura camarária de 1551 regulamenta com precisão a vezada nas bicas do Chafariz.

É de interêsse etnográfico referir aqui a distribuïção de aguagem pelas seis bicas. Na primeira bica, do Poente, aguavam cantarinhos, cântaros, quartas, pipas, dos homens de côr ou não livres (pretos, quer forros quer cativos, mulatos, índios, e outros cativos); na segunda, dos mouros das galés, onde podiam servir-se os da primeira, se estivesse deserta a segunda; na terceira e quarta, dos homens e mulheres brancas; na quinta, das

mulheres pretas, mulatas, índias, fôrras e cativas; na sexta, das mulheres e môças brancas.

Não era o único Chafariz o de El-Rei. Havia também o *Chafariz de Dentro* ou *dos Cavalos*, assim cognominado por causa dos cavalos de bronze, que os Castelhanos levaram, quando cercaram Lisboa. O *Chafariz da Praia* recebia as águas do Chafariz de Dentro; talvez esta oposição dos dois mananciais públicos justifique a referenciação dos nomes de um e outro. O *Chafariz dos Paus* abastecia-se quiçá do pôço de Penabuquel, tapado em 1858, que ficava num cabouco junto-do arco de serventia do mesmo nome, e donde provém o Bêco de Penabuquel, também, ortografado Banabuquel e Benamoquel no século XVI. Havia entre mais as águas das alcaçarias do Duque, as de D. Clara, as do Conde de Penela e as de Santos-o-Novo, tão disputadas.

Por isso afirmou Fr. Nicolau de Oliveira: «toda Alfama é tão abundante (de agua) que de maravilha se acha uma casa que não tenha fonte, e se a não tem é por pouca curiosidade do dono d'ella».

A descida de Lisboa para o rio era assim favorecida pela abundância de água.

As secas do Chafariz de El-Rei em 1517 e 1598 alarmaram a capital do Reino. No dia 3 de Outubro de 1744 começa a correr nas bicas a «Água Livre das Amoreiras».

Gil Vicente consagrou a voga do Chafariz de El-Rei na *Nao de Amores*:

> Eu lhe irei logo falar
> Lá ao chafariz d'El-Rei,
> Quando elle quiser falar;
> Ou da Tôrre da Varanda,
> Ou lá no Cais da Madeira,
> E veremos o que manda.

Dos chafarizes históricos de Alfama restam-nos os mais importantes: o de Dentro e o de El-Rei, que de nove bicas de algum dia, pois tantas chegou a ter, conserva apenas três. E dêles ficou também clara influência na toponímia antiga e actual: à Porta do Chafariz de El-Rei corresponde hoje o Bêco da Môsca; ao «Chafariz de Dentro» o Largo do Chafariz de Dentro; a Rua dos Paus talvez tire o nome da proximidade ou serventia do Chafariz dos Paus, ou seja comum a origem do nome de ambos; os «alpendres do chafariz», colocados vagamente por Carvalho da Costa junto-do Bêco do Espírito Santo e dos Remédios, poderão corresponder a alpendres de tanque de lavagem com aproveitamento das águas do Chafariz de Dentro.

A «Judiaria de Alfama», perto da Tôrre de S. Pedro, «parte com o muro da parte do mar, e com o muro da tôrre de S. Pedro, e com o chão da Sé», conforme documento da Chancelaria de D. Fernando, mantém ainda hoje a evocação na *Rua da Judiaria*, que sobe do an-

tigo Campo da Lã para o pitoresco Largo de S. Rafael. Quem vá da Rua do Terreiro do Trigo para êste largo, pela Rua da Judiaria, logo vê à sua esquerda a varanda alta sôbre cachorros alongados, da Tôrre de S. Pedro, imponente. O eirado guarnecido de parreiras, as paredes caiadas e coloridas de cinzento, não ocultam a majestade e a grandeza militar desta tôrre da defesa da cidade, para a banda do rio. E, nota airosa sôbre a fôrça rígida, têmo-la na portazinha de lóbulos, que abre para a varanda, sorriso de guerreiro curtido para o sol.

ALFAMA — RUA DA REGUEIRA
Uma casa

Largos de pitoresco inédito, como os de S. Rafael, de Santo Estêvão, do Menino Deus, do Salvador, com a gradaria dos desníveis entre serventias, ou o de S. Miguel com a exótica palmeira destoante do meio; arcos de muralhas, arcos de serventia, a galgarem ruas, a encobrirem o sol e projectarem sombras largas, uns tortos, outros rectos, ora simples ora múltiplos, sobrepostos ou seguidos, altos aqui, baixos ali, curtos, compridos; escadas que grimpam a cada passo e para todos os lados, sem sabermos para onde, mas adaptando o chão à comodidade do habitante; — animam de luz e sombra o labirinto.

III

As casas por essas ruas, travessas, bêcos e terreiros, nas escadas

e calçadas, nos largos e pátios de Alfama, têm o caracter que precisavam de ter e deviam ter, para serem casas de tais serventias.

Como as serventias provinham das condições do solo, em primeiro lugar, das circunstâncias impostas à urbanização da cidade, apertada entre muralhas e disciplinada às necessidades da defesa militar, e da densidade da população, também as casas forçosamente haviam de adaptar-se às condições físicas e sociais do meio etnográfico.

Na estampa do *Theatrum Urbium* de Jorge Bráunio, do século XVI, as ruas de Alfama sobem o monte em linhas curvas; a custo se podem identificar com certeza as conhecidas e apontadas para penetração em altura, mostram sintèticamente Alfama; entre os traçados irregulares, abrangem o casarío em massas por isso mesmo irregulares também.

Se subirmos a Santa Luzia, o melhor miradouro de Alfama, erguido junto-das antigas Portas do Sol, e olharmos em conjunto o bairro, a mancha de côr tem vida e realce na policromia suave. Não tem côres vibrantes em destom. Pode ali abrir-se o vermelhão novo de prédio quási acabado de pintar. O grito não é mais que revolta na harmonia geral. Tons de vermelho, aguadas de amarelo, aqui e ali toques de azul claro, dão realce ao branco alastrante. E justifica-se. Em ruas escuras, torcicoladas, bêcos, é necessária a cal, a brancura iluminante da cal. Nos altos, nas esquinas claras, nos larguinhos onde o sol pode saltar e cantar, as casas têm luz, as côres variam, as paredes coram. Ainda bem que assim é, para animar o panorama. As casas amalgamam-se mais na na côr que no volume. Sentimos as ruas que se entrecortam, vemos as casas que se prendem no chão, empurram-se para caberem, cortando esquinas, arqueando cunhais, confundindo telhados e telhados, que se deformam para cobrir casas torcidas, direitas, encostadas e incrustadas, quadradas, poligonais, largas, esguias.

Sobrados ressaltam sôbre os de baixo. Uns avançam as paredes do primeiro andar ou sobreloja para o rés-do-chão, outros do segundo para o primeiro sobrado, outros do segundo para o primeiro, e dêste para o de baixo, mais saliente o inferior. No Largo do Chafariz de Dentro uma casa quadrada, em esquina, ressalta das duas frentes sôbre as lojas, apoiando a parede saída nos ferros cravados oblìquamente na parede inferior. Na Rua de S. Pedro, em outra casa ressalta o segundo sobrado. No Bêco do Espírito Santo, ao Chafariz de Dentro, há ressalto do segundo para o primeiro, e outro menor do primeiro para a loja, parecendo porém que o do primeiro é apenas refôrço de resistência e até certa medida pretenção decorativa contra a chateza da fachada. Numa

casa da Rua da Regueira, esquina para o Bêco das Cruzes, o segundo sobrado ressai do primeiro, e o ressalto apoia em cachorros, especados em varas de ferro oblíquas. Na Rua de S. Miguel há um exemplar curioso, com dois ressaltos, maior e apoiado em ferros o do primeiro andar, menor e sem apoios o do segundo E junto-à igreja de S. Miguel, como na Rua da Regueira, estamos diante-de modêlo diferente, em casa de ressalto tapado com madeira pintada.

Surge-nos a empêna levantada em ângulo agudo. Na Rua dos Remédios, no Bêco da Cardosa, no Castelo Picão, na Rua do Infante D. Henrique, estas casas de geito flamengo e aspecto quinhentista apertam-se entre outras mais largas ou mais baixas, isolam-se em esquinas e larguezas, como afirmação de tipo comum, e como lição de aproveitamento de espaço em área e altura. O vértice da empena arredonda-se, e temos exemplares na Rua de S. Miguel, no Bêco dos Loios e na Rua do Castelo Picão; aplana-se numa casa da Rua de Santo Estêvão; as margens do ângulo da empena são rectilíneas ou encurvam, e os extremos continuam a linha direita ou dobram em forma de guias de bigode; numa casa da Rua de S. Miguel a curva quebra em outras laterais.

Fora-de Alfama há também destas casas na Rua do Benformoso, e mais da Mouraria, na Rua das Madres e outras da Madragoa, e na praia de Belém; havia-as no Largo do Rato, hoje demolidas; exemplar precioso, já requintado, está numa esquina de Belém, no Largo dos Jerónimos. De tôdas, no seu tipo tradicional popular, sobressai a conhecida casa da Rua dos Cegos; pequenina, livre, só de um andar e loja, sem má vizinhança, de empena embicada e de fachada com ressalto, tinha a um lado das janelas irregulares o registo de azulejos com dois anjos a adorarem a Eucaristia, e por cima o braço de ferro, que suportaria a lâmpada de o alumiar. Tiraram-lhe o registo, ficou por algum tempo o ferro terminado por chapa aberta cordiforme, símbolo bem português de amor e de perdão para o crime de arte e de sentimento; arrancaram também o ferro por fim, e qualquer dia arrancarão a casinha inteira.

Outras casas evidenciam acréscimos de construção na poliestrutura dos telhados: um andar; ergueu-se-lhe de um lado, assimètricamente, um quarto; cobriu-se êste com telhado próprio. Há casas dêste tipo fora-de Alfama (na Rua do Capelão, por exemplo). Às vezes são mais os acréscimos.

Ali perto, da Rua dos Cegos há uma casa única. Fica no Largo do Menino-Deus. Casa poligonal, sai dela um corpo prismático mais baixo; tem êste duas portas diferentes, uma para o lado, com escada de acesso, e outra para a

frente, com escada também; um muro divide-as; janelinhas com reixas; vasos de plantas; três faces. As duas portas tão separadas, no mesmo edifício, provàvelmente do século XVI, trazem à lembrança a cena típica do *Auto da Índia*. O marido partira para a Índia; enquanto o Castelhano atira pedrinhas à janela, a bradar com a demora

> Quiero destruir el mundo,
> Quemar a casa, es la verdad,
> Despues quemar la ciudad;

o Lemos está dentro de casa, a pedir à Ama:

> Deixae-me cantar, senhora,

e entra aquele por uma porta, sai o outro pela segunda.

Pelas casas de Alfama a distribuïção dos vãos é irregular. Depende da largura e da altura das fachadas. Varandas de balcão ou janelas rasgadas a êsmo, ou conjugadas ou alternadas, obedecem a divisão dos cómodos. Fachadas com uma fiada vertical de janelas, com janelas aos pares, uma a uma ou duas a uma por sobrado, todo o espaço tem de ser poupado na segurança da casa e no arrumo interior. Quadradas, esguias ao alto ou horizontalmente, circulares, com portas massiças ou de reixas, com batentes de levantar ou de abrir para os lados, lisas na aprumada da frontaria ou protegidas da chuva que escorre, por meio de sobreverga avançada com inclinação, as janelas despertam atenções. As varandas com ferros de régoas e varões forjados, por vezes recurvados, resguardam-se com tapadouros de gelosias de reixa de madeira, que são miradouros de origem mourisca. Avançadas sôbre as ruas, quási tocam as casas fronteiras. Os vasos de plantas guarnecem janelas e varandas; são com o gato e as gaiolas dos pássaros as únicas ternuras de recreio para os habitantes.

Restos de construções antigas topamo-las a cada passo em cunhais interrompidos, desproporcionados com a casa actual, e sem confirmação no material de agora (Bêco do Guedes, Rua da Oliveirinha, Rua dos Remédios, Rua de S. Pedro, etc.).

Quintais e muros coroados de parreiras quebram a monotonia das ruas e alegram as fachadas. Os estendais nos largos, á-beira-das escadinhas de S. Miguel, e da Rua da Galé, nos trechos de quintalejos, nas janelas sôbre armações de mastreação, embandeiram o bairro.

No Chafariz de El-Rei, na Travessa de S. João da Praça, sobem de relêvo as pedras com a barca de S. Vicente, do brasão de Lisboa, dos séculos XVI e XVII; o Pátio dos Corvos alude aos «vicentes» da lenda mística do Santo.

Outras fachadas, como já mencionei na da Casa quinhentista da Rua dos Cegos, patenteiam registos de azulejos, onde predominam as imagens de Nossa Senhora da

Conceição, Santo António e S. Marçal, tão da estima popular. Alguns têm data: 1749 sôbre uma porta da Rua dos Remédios, 1763 no Castelo Picão, 1764 nas escadinhas do Arco Escuro, 1850 num gavêto entre a Rua dos Remédios e a do Vigário. Mais humildes, mais pomposos, êstes quadrinhos de azulejos revelam a fé na protecção invocada, iluminam as casas e as almas.

No meio destas casas de tipo arcaico, estadeiam outras de mais pompa e maior modernidade; na maioria provirão de substituirem as que cairam com o terremoto ou se arruinaram de outro modo e por outras causas.

Por aqui e da Ribeira a Santo Estêvão, do Contador-mór ou do Arco do Chancelar ao Pátio de D. Fradique, topamos com edifícios apalaçados, ou com nomes de serventias, que recordam personagens gradas; o mais importante é a *Casa dos Bicos*, a lendária «Casa dos Diamantes», que o filho de Afonso de Albuquerque levantou à-beira-do rio, contra a muralha; recorda a Índia, as navegações, o vasto império. Outras ostentam pedras de armas, como o palácio dos Condes de Arcos, pegado ao convento do Salvador, abaixo-do arco, ou o cunhal da tôrre, do precioso Arco de Jesus, com as faixas dos Mascarenhas, e mais para Santo Estêvão e Escolas Gerais, Siqueiras, Sampaios, Coutinhos, Figueiras; ou deram toponímia: postigo do Conde de Linhares, Largo do Marquês de Lavradio, Bêco do Marquês de Angeja, Pátio do Conde de Santa Cruz, hoje perdido. Ao-cimo-da Calçada de S. João da Praça, a antiga Rua da Adiça, pesa a mole massiça do velho Paço do Limoeiro, a par-de S. Martinho.

Como vozearia êste povo de Alfama, o primeiro certamente a acudir ao Mestre de Aviz, nos tumultos de Lisboa em 1383, contra Leonor Teles e pela morte do Andeiro! Se o Mestre era alfamista, a crer na interpretação de Júlio de Castilho ao nome da Rua do Paço do Mestre, mais forte e certo crêmos o alvorôto no bairro, ao repicar dos sinos a rebate.

A-propósito-da «Casa dos Bicos», falei da Índia e já lembrei também o *Auto da Índia*. Recordo agora outro recanto do folclore de Alfama, que Gil Vicente aproveitou, e reflecte a psicologia da sociedade de Lisboa no período dos Descobrimentos.

A «Ama» do auto, quando o «Marido» regressa inesperadamente — e vêmo-lo entrar por uma das portas da Casa do Largo do Menino-Deus, enquanto um dos intrusos foge espavorido pela outra — festeja-o surpresa e mimeira, e diz-lhe em prova de fementida fidelidade:

E logo à quinta-feira
Fui-me ao Spírito Sancto
Com outra missa tambem;
Chorei tanto que ninguem
Nunca cuidou ver tal pranto.

Tira-se da alusão vicentina que a capelinha dos marítimos de Alfama tinha freqùência de impetrantes, esperançados nos votos ao Espírito Santo pelos que vogavam no mar.

Os cais ribeirinhos do Carvão, da Madeira, de Aldeia-Galega, de Santarém, onde desembarcava tudo que vinha do rio, para construções, para aquecimento, para venda de «tôdas as coisas de comer» (Luiz Mendes de Vasconcellos), para fornecimento da «praça das berças», animavam tôda a Ribeira. O *Mal-cozinhado,* já existente em 1552, atraía os freqùentadores.

Quási a-meio-desta movimentadíssima zona de Alfama, a ermida do Santo Espírito chamava a gente do mar e recebia a invocação de Lisboa inteira.

Também a gente do mar fazia grande vénia a Nossa Senhora da Escada, em ermida anterior à igreja de S. Domingos e em seu terreno; construida esta, ficou a ermida encostada à igreja, e subia-se à adoração pela escada que deu o nome invocativo da imagem. Caía a festa a 2 de Fevereiro, porque Nossa Senhora da Purificação, da Corredoura ou da Escada eram diferentes invocações da mesma Santinha popular.

Tinha nome a procissão de *Corpus Christi* de Alfama; que era melhor que a da Cidade orgulhavam-se os entusiastas do bairro ao dizê-lo. Como seria a procissão, com a imponência tradicional através-de ruas apertadas, irregulares e íngremes como estas!

Paremos, que Alfama nos levaria muito mais longe ainda. Alfama na história de Lisboa, Alfama de hoje, é assim. Aspectos apenas são êstes; revelam todavia que Alfama, o bairro mais antigo, desde-que Lisboa desceu do Castelo ao rio, merece atenção e acato. Cuide-se dela como de Museu, e é-o em verdade; veja-se nela a velha Lisboa medievel de antes-dos Descobrimentos; e não se desmanche o pouco que mais os estragos dos homens que as ruinas do tempo, e até as fúrias do terremoto grande, nos deixaram ainda de-pé.

A Lisboa de hoje tem de mostrar a Lisboa de outras eras, mas pelos meios cultos por que deve fazê-lo uma Cidade, para mais Capital, no século XX.

Lembremo-nos de que a Lisboa medieval foi aqui em Alfama, como a Lisboa dos Descobrimentos foi aqui e na Cidade Baixa.

Se em Belém, saída para o mar, estão os Jerónimos por padrão, em Alfama foram com todo o simbolismo evocador as *Portas-do-Mar*. Foram e ainda são. E esperemos todos que continuem a ser.